

O SUBJUNTIVO EM PORTUGUÊS E EM INGLÊS: UMA ABORDAGEM GERATIVA

Mário Marcio Godoy Ribas (UEMS)

marcoribas@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

nataniel@uems.br

1. *Considerações iniciais*

O verbo possui uma categoria relacionada à expressão temporal. Essa categoria, por mais que seja reduzida em alguns casos, está presente em todas as línguas²⁵. Dividida basicamente em passado, presente e futuro. Outra categoria verbal são os modos que, de acordo com Bechara (2001, p. 221), para a língua portuguesa, são divididos conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente, ou seja, para fatos verossímeis ou ainda assumidos como tal será usado o modo indicativo, já para fatos indicadores de incertezas será utilizado o modo subjuntivo. Ainda existem: o modo imperativo, o qual exige um ato em relação ao agente; o modo condicional, que se refere a fatos que dependem de certas condições; e o modo optativo, que se relaciona a ação como desejada pelo agente.

Por mais que os modos possam ser divididos em até cinco conforme acima, as gramáticas normativas utilizam apenas os três primeiros supracitados nas suas divisões tradicionais. Os dois últimos (modo condicional e modo optativo) são normalmente inseridos dentro dos demais modos. Na *Moderna Gramática Portuguesa*, por exemplo, Bechara insere o tempo futuro do pretérito dentro do modo indicativo. Assim, mesmo sendo um tempo no qual, dentro de suas possibilidades, há o emprego para fatos incertos, é considerado pelo gramático acima como *futuro do pretérito do modo indicativo*. (2001, p. 280).

Já na gramática de língua inglesa voltada para o falante nativo, *The Oxford English Grammar* de Sidney Greenbaum, e também no curso universitário de gramática de língua inglesa, *English Grammar: a university course*, de Angela Downing e Philip Locke, existem diferenças significativas da língua inglesa em relação à língua portuguesa sobre a catego-

²⁵ Há uma discussão sobre este fato na língua pirarrá. Daniel Everett diz que os falantes dessa língua se expressam somente no presente; informação ainda não comprovada.

rização dos modos e também sobre como o modo subjuntivo ocorre na língua.

The Oxford English Grammar traz a mesma abordagem da *Moderna Gramática Portuguesa*, quando divide o verbo em categorias, dentre elas o modo; porém, indica apenas três divisões para tal categoria: indicativo, imperativo e subjuntivo.

Por outro lado, Downing, em *English Grammar: a University course* (2006, p. 196) diz que o modo do verbo em língua inglesa está mais ligado aos tipos de orações que a conjugação do verbo²⁶. Tal declaração é baseada em como os indicadores de tempo e modo estão presentes na frase.

Enquanto em português, como na maioria das línguas latinas, os indicadores de tempo e modo estão inclusos dentro do verbo pelas desinências modo-temporais, em inglês, os verbos regulares permanecem na forma infinitiva sem a partícula *to* que os precedem em todos os tempos e modos, diferenciando-se pelo verbo auxiliar que os precedem, pela posição na frase ou pelo contexto. A essa regra, são exceções o passado simples, que recebe a desinência modo-temporal *-ed* em todas as suas pessoas e também a 3ª pessoa do singular no presente simples do modo indicativo que, apesar de não receber uma desinência modo-temporal, recebe a desinência número-pessoal *-s*. Também é exceção a 3ª pessoa do subjuntivo presente, que sobre a qual discorreremos à frente.

Assim é possível identificar em português que a forma verbal *cantarei* está relacionada à 1ª pessoa do singular do futuro simples do modo indicativo, enquanto, para se expressar o mesmo em inglês, será necessário um auxiliar, neste caso *will* ou *to be going*: *will sing / is going to sing*, mais um pronome pessoal, já que não há desinência número-pessoal inclusa na forma verbal.

Logo, para se compreender o que Downing propôs e está exposto acima, é preciso entender o que vem a ser modo e modalidade.

²⁶ *In English, mood has to do with clause types rather than verb inflection.* Abordaremos isso no capítulo 3.

2. *Modo e modalidade*

Ainda que mais difundido que modalidade, a definição de modo não é consensual. Aqui adotamos a definição de Bybee (1985, p. 166), a qual diz que o modo verbal é uma categoria que possui desinências com as quais o falante escolhe como deseja se pôr dentro do discurso. Em apenas algumas línguas, as indicações modais como obrigação, habilidade, permissão, possibilidade ou intenção estão presentes dentro de uma desinência verbal.

Já para modalidade, erroneamente se assume que é a gramatização das atitudes e opiniões dos falantes, porém Bybee (1994, p.181) informa que uma definição sucinta sobre modalidade é praticamente impossível. Apesar de não tentar definir a modalidade, Bybee sugere que a modalidade está conectada às palavras que trazem carga semântica de obrigação, probabilidade ou possibilidade, por exemplo. Logo não se limita a desinências ou categorias específicas de palavras, mas sim a um domínio conceitual que engloba vários tipos de expressão.

3. *O subjuntivo em português*

O subjuntivo em português é dividido em três tempos: presente, passado imperfeito e futuro. Normalmente é utilizado em orações subordinadas, porém também ocorrem em orações chamadas independentes, sobre as quais discutiremos mais à frente.

Para as subordinadas, um dos casos mais usuais de ocorrência do subjuntivo em português é em orações subordinadas substantivas. O uso nestas condições exige um verbo volitivo ou verbo que indicam incerteza.

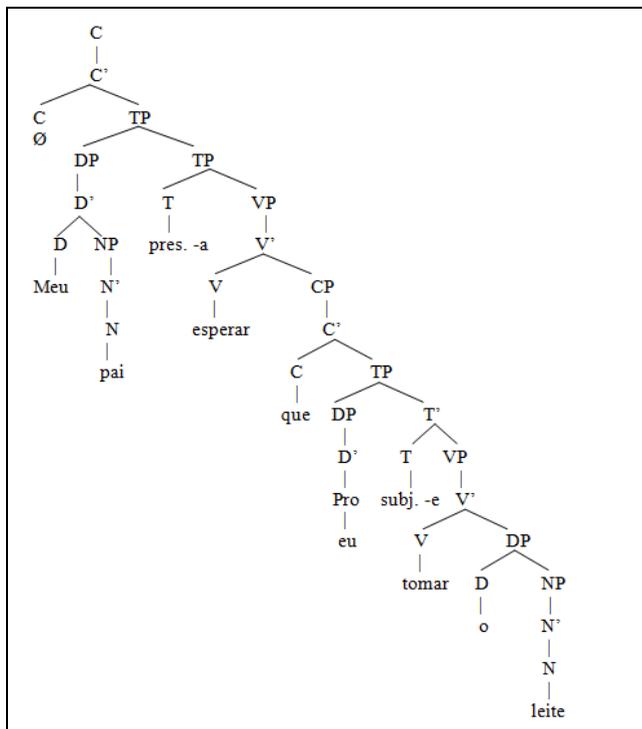
Logo, na frase (1a), a carga semântica que expressa vontade exige que o verbo venha no subjuntivo²⁷, entretanto determinados falantes não percebem a frase (1b), que usa o indicativo, como agramatical.

(1a) Meu pai espera que eu tome o leite.

(1b) ? Meu pai espera que eu tomo o leite.

²⁷ Essa necessidade de o tempo da oração encaixada depender do tempo da oração principal é conhecida como *consecutio temporum*.

Na representação arbórea da frase (1a), é possível verificar que o comportamento do subjuntivo não diverge do comportamento do tempo indicativo, ou seja, não exige movimentos, contudo a presença da desinência na *head* T (-e) da oração subordinada, diferencia os tempos verbais, criando explicitamente o tempo presente do modo subjuntivo.



É importante notar que os conceitos de modo *realis/irrealis*²⁸ (relacionados com os modos verbais) nem sempre interferirão no uso do subjuntivo já que manifestações de desejo como da frase (1b) caracterizam-se como *irrealis* e trazem o verbo no modo indicativo. Contudo é possível verificar que, em alguns casos, a diferenciação entre esses dois modos será necessária para o uso do subjuntivo ou não, como nos exemplos (2a) e (2b).

²⁸ Não entraremos em detalhes sobre os conceitos de *realis* e *irrealis*, pois existem trabalhos consistentes sobre esses assuntos. Para mais informações sobre o assunto, cf. Bybee (1994) e Nordström (2010).

(2a) Se ele esteve aqui, eu não o vi. (realidade)

(2b) Se ele estivesse aqui, eu não o veria. (conjectura)

O uso do subjuntivo também poderá ocorrer em orações consideradas independentes à primeira análise. Nestes casos a marca de modalidade estará presente nos verbos como também na palavra indicadora de incerteza ou desejo com *talvez*, *tomara* ou *oxalá*, por exemplo.

(3a) Talvez ele compre mais açúcar à tarde.

Na frase (3a), a desinência *-e* presente na forma verbal é a marca do modo subjuntivo, considerando-se a 3ª pessoa do singular do presente e também o verbo de 1ª conjugação. Entretanto a modalidade *possibilidade* não é unicamente representada pela marca *-e*. A expressão *talvez* está também fortemente relacionada ao modo subjuntivo. Ao se retirar, esta expressão a frase se torna agramatical.

(3b) * Ele compre mais açúcar a tarde.

Portanto, nos exemplos acima, o uso do subjuntivo, por mais que tenha uma marca específica que indique possibilidade, ainda exige outro elemento para complementar a modalidade. No entanto, ao usar a expressão *talvez*, não há a obrigatoriedade de se usar o modo subjuntivo, pois a própria expressão possui forte carga semântica relacionada à possibilidade, conforme abaixo.

(3c) Talvez ele vai comprar mais açúcar à tarde.²⁹

Porém a alteração por outra palavra modalizadora que tenha carga semântica similar deverá ser analisada individualmente, já que as estruturas são diferenciadas.

(4a) Tomara que ele compre açúcar mascavo.

(4b) Tomara que ele compra açúcar mascavo.

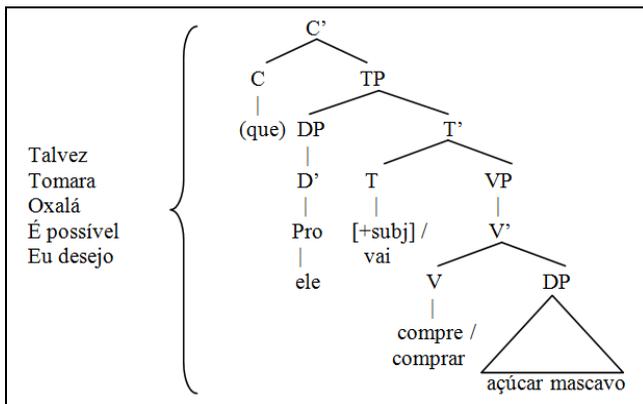
(5a) Oxalá (que) ele compre açúcar mascavo.

(5b) ? Oxalá (que) ele compra açúcar mascavo.

Nos casos acima, por mais que não haja outro verbo, é possível entender que tais palavras trazem implicitamente expressões que se relacionam diretamente a um sintagma verbal implícito como *É possível*

²⁹ Apesar de os gramáticos normativos não aceitarem este uso, a utilização do indicativo ao invés do subjuntivo é muito difundida no português do Brasil. (Cf. GONÇALVES, 2003, e RIBAS, 2012).

(*que*) ou *Eu desejo (que)*. Assim a frase (3a) ao ser analisada, terá a mesma estrutura, inclusive na aceitação de [+subj] ou [-subj] para o verbo da subordinada.



Uma possível explicação para este fato diz respeito a etimologia de tais palavras conforme Azevedo (1976, p. 45). Bueno (1967, *apud* AZEVEDO, 1967) informa que *tomara* vem do verbo *tomar* que em uma de suas acepções significava *desejar; querer, com instâncias*. *Oxalá* é uma expressão árabe *in sa Allah* que significa *se Deus quiser* (Houaiss, 2009), portanto proveniente de um verbo volitivo. Contudo a relação verbo-significado atual da palavra *talvez* é considerada obscura, já que não foi encontrada nenhuma fonte que a relacione a um sintagma verbal de maneira direta.

Assim ao considerar as frases acima, é possível concluir que, ao menos, *tomara* e *oxalá* são expressões invariáveis oriundas de ao menos um elemento verbal, o que corrobora a hipótese de essas expressões serem consideradas como oração principal, pois trazem um verbo implícito em sua estrutura.

4. O subjuntivo em inglês

Quando Downing diz que a língua inglesa está mais relacionada ao tipo das orações que ao modo, uma das razões é o fato de na língua inglesa praticamente não haver marcação desinencial nos tempos verbais, inclusive no subjuntivo, fazendo que as ideias representadas pelas moda-

lidades sejam demonstradas por expressões, como na frase abaixo que é uma tradução da frase (1a).

(6a) Maybe he will buy more brown sugar.

A forma verbal utilizada, *will buy*, está no *simple future* no modo indicativo, portanto a marcação de possibilidade vem totalmente da palavra *maybe*.

Enquanto a retirada da palavra *maybe* em português torna a frase agramatical (1b), no inglês haverá uma mudança semântica.

(6b) He will buy more brown sugar.

Logo nota-se que em português, em alguns casos, são necessárias duas marcações para que a indicação de certa modalidade (*possibilidade* no caso acima) aconteça. Essas indicações podem ser uma expressão como *talvez*, mais a desinência verbal indicadora de subjuntivo. Note que a expressão pode ser uma palavra ou mesmo o verbo da frase principal. Porém, no inglês, somente em alguns casos ocorrerá uma marcação clara por desinência ou alteração da forma verbal. Muitas vezes, como visto acima, em português, a expressão que tem a carga semântica modalizadora contém implicitamente um elemento verbal.

O mesmo pode acontecer no inglês já que a etimologia de algumas palavras está relacionada diretamente a um verbo, como é o caso de *maybe*³⁰, que foi originado a partir da junção de *may* mais *be*³¹.

Outra palavra que indica possibilidade é *perhaps*, formada pela junção da preposição latina *per* mais *hap* (*chance*). Assim podendo se relacionar com expressões como *There is a chance (that)*...

Em ambos os casos, o verbo que vem logo depois da expressão não é [+subj], mas simplesmente o indicativo. Como o indicativo é usado na grande maioria dos casos, a semelhança entre o presente do indicativo (marcado com *-s* apenas na 3ª pessoa do singular) e infinitivo para o presente do subjuntivo em inglês faz com que aqueles que falam a língua inglesa como segunda língua bem como para os falantes nativos não utilizem o subjuntivo em muitas situações nas quais poderia ser utilizado.

³⁰ *talvez*, em português

³¹ *poder* mais *ser*, em português

Tal semelhança também acarreta dificuldades para os falantes do inglês ao aprenderem o português como língua estrangeira. A semelhança dos tempos/modos citada acima inibe o uso do subjuntivo em português para esses falantes.

A tradução da frase (1a) resulta em (7).

(7) My dad expects me to drink milk.

A forma verbal neste caso está no infinitivo, não no subjuntivo como em português, ou seja, não apresenta desinências tanto modo-temporal quanto número-pessoal.

Também o subjuntivo do português pode resultar em indicativo no inglês, com formas verbais muito semelhantes ao do subjuntivo.

(8a) I hope they get the job.

Da mesma maneira, não há desinências para a forma verbal acima, entretanto ao se utilizar a 3ª pessoa do singular, adiciona-se a desinência número-pessoal *-s*.

(8b) I hope she gets the job.

Em alguns casos, o subjuntivo acontece como em português, principalmente no uso de verbos como *suggest*, *demand*, *recommend* e *propose* na oração principal.

(9a) The teacher demands the students open the book.

(9b) The teacher demands the student open the book.

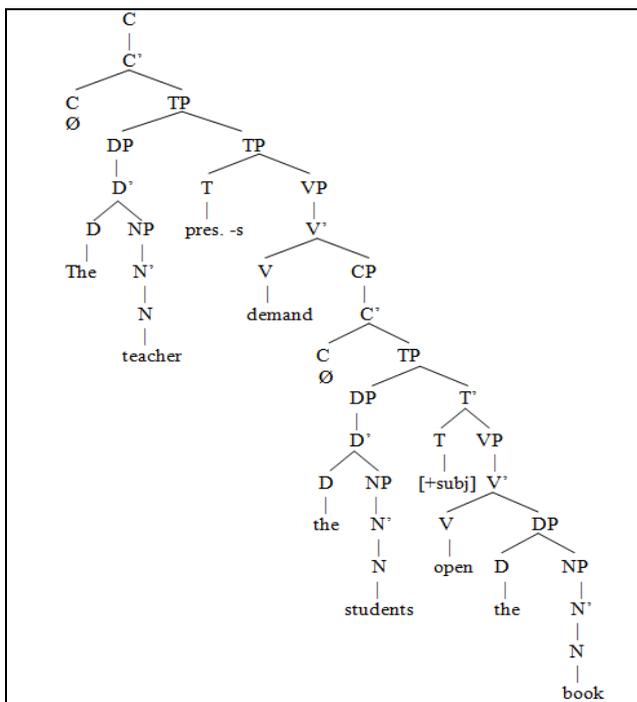
Em (9a), a forma verbal é idêntica ao *simple present*, e, em (9b), a forma verbal é idêntica ao infinitivo sem *to*, porém a forma verbal está no subjuntivo e não possui quaisquer desinências em nenhuma das pessoas.

Perceba que na árvore abaixo existe a indicação [+subj], que não traz desinências, portanto não haverá alterações no verbo em V. Contudo, devido às semelhanças na forma fonética, os falantes utilizam o indicativo pelo subjuntivo criando frases como (9c).

(9c) ? The teacher demands the student opens the book.

O símbolo “?” poderia até mesmo ser retirado, já que a utilização do indicativo pelo subjuntivo depois de verbos como “to demand” é muito utilizada e aceita pelos falantes. Esses tipos de ocorrências levaram Downing (2006, p. 196) a afirmar que, em língua inglesa, o uso do sub-

juntivo perdeu campo, principalmente nos casos que expressam fatos *ir-realis*. Seu uso permanece em expressões fixas como as abaixo:



(10) Long live the Queen.

(11) Far be it from me to doubt your word.

Uma possibilidade para a diminuição de uso é o elemento fonético nulo na *head* T que é idêntico às formas verbais do presente como na árvore acima (com exceção da 3ª pessoa do singular). Neste ponto, é importante notar que mesmo sendo as formas fonéticas idênticas, as formas lógicas são diferentes.³²

³² Alguns gramáticos com Bechara (2001), mais uma vez equivocadamente, informam que o modo subjuntivo é usado para se expressar ordem, todavia apenas as formas fonéticas são as mesmas, pois a carga semântica da modalidade do verbo em frases como *Venha logo!* e *Espero que ele venha logo* são completamente diferentes. Note que a primeira indica ordem e a segunda tem na forma verbal carga semântica de modalidade vazia, pois a modalidade de desejo é expressa pelo verbo *esperar*.

Todavia permanece o uso em situações formais. Nas situações menos formais o subjuntivo, principalmente no Reino Unido, é substituído pelo indicativo ou ainda por *should* + infinitivo.

Assim, as frases abaixo são apenas variantes da mesma estrutura profunda.

(12a) Mark suggests (that) she go to a school where Portuguese is taught.

(12b) Mark suggests (that) she should go to a school where Portuguese is taught.

(12a) ? Mark suggests (that) she goes to a school where Portuguese is taught.

Até este ponto, a análise foi feita considerando-se apenas o presente do subjuntivo; contudo não há grande variação para o passado do subjuntivo, que se diferencia do passado do indicativo apenas na 1ª e 3ª pessoa do singular do verbo *to be*, assim as formas verbais, tanto regulares como irregulares do passado do indicativo e do subjuntivo são idênticas nas suas formas fonéticas.

(13) If I were a superhero, I would be Wolverine.

(14) If I had a million dollars, I would buy a Ferrari.

Note que ambas as frases estão no passado, porém a forma verbal se distingue apenas em (13), já que em (14) a forma é idêntica ao passado simples. Assim o falante encara novamente mais um problema durante o uso do subjuntivo em inglês devido à semelhança das formas verbais.

5. *Considerações finais*

Este artigo é um trabalho em andamento sobre o subjuntivo em português e inglês. Até o momento, é possível verificar que, conforme Downing (2006), a maior diferença entre as duas línguas recai no fato de o inglês ter suas frases fortemente fundadas na modalidade, enquanto, em português, o modo ainda é relevante na estrutura da frase. Ainda não há dados suficientes para se afirmar que o uso do subjuntivo tem sido reduzido em português com o decorrer do tempo. Há divergências entre pesquisas (Cf. VIEIRA, 2007, e RIBAS, 2012) e não há dados orais antigos para serem analisados. Por ora é preciso coletar dados e fazer futuras análises.

No entanto, o mesmo não se pode dizer da língua inglesa, na qual o uso do subjuntivo está praticamente extinto e se mantém apenas em usos esporádicos e formais.

À primeira análise, também podemos concluir que as formas fonéticas – desconsiderando por motivos óbvios as diferenças de léxico – de frases que tenham como origem a mesma estrutura profunda em português ou inglês serão muito diferentes uma das outras. As diferenças ocorrerão no momento em que o inglês exclui o subjuntivo para incluir, em certos casos, o modal *should*. Também o inglês difere quanto à obrigatoriedade de uso de [+ind] quando é antecedido por uma palavra modalizadora. Outro ponto é a relação entre *irrealis* e subjuntivo. Em português, a modalidade *irrealis* pressupõe, em muitos casos, o uso do subjuntivo, já, em inglês, o uso cria frases agramaticais.

A partir dos dados apresentados, para dar continuidade ao trabalho em futura pesquisa, serão analisadas as estruturas utilizadas pelo falante de inglês ao falar português, com a finalidade de verificar se aqueles que estão aprendendo ou aprenderam português conseguem internalizar as estruturas desta língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, M. M. *O subjuntivo em português: um estudo transformacional*. Petrópolis: Vozes, 1976.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BYBEE, J. *Morphology: A Study of the Relation between Meaning and Form*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of Grammar: Tense, aspect and Modality in the Languages of the world*. Chicago: Chicago Press, 1994.

DOWNING, A.; LOCKE, P. *English Grammar: a University Course*. 2. ed. Oxon: Routledge, 2006.

GREENBAUM, S. *The Oxford English Grammar*. New York: Oxford University Press, 1996.

NORDSTRÖM, J. *Modality and Subordinators*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

OTHERO, G. A. *Teoria X-Barra: Descrição do português e aplicação computacional*. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBAS, M. M. G. Uma abordagem sociolinguística do modo subjuntivo na cidade de Campo Grande – MS. *Revista Philologus*. CiFEFiL, 2013. Ano 19, n. 55 – Suplemento. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/55supl/054.pdf>>. Acesso em: 10-07-2013.

VIEIRA, M. M. M. *Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: uma comparação entre o português do Brasil e o Francês do Canadá*. 2007. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.